

comportamento

MULHERES CONTAM COMO ENFRENTARAM TRATAMENTO ONCOLÓGICO EM MEIO À GESTAÇÃO E NÃO DESISTIRAM DE SER MÃES

Câncer e gravidez

Em 2019, às vésperas de completar 40 semanas de gestação, a cirurgiã-dentista Renata Mendes Vilela, de Belo Horizonte (MG), percebeu um nódulo no seio esquerdo ao apalpá-lo e ficou em dúvida se poderia ser um ducto de glândula mamária entupido. “Minha mama já estava aumentada devido ao final da gravidez; mesmo assim, eu consegui sentir”, conta. Após consulta com seu obstetra, realizou um ultrassom. Com o resultado em mãos, a hipótese levantada inicialmente foi descartada. “Pediram uma biópsia, mas deram prioridade ao parto. Logo fiz a cesárea e, no dia seguinte, o exame. Menos de uma semana depois, recebi o diagnóstico de câncer”, recorda ela, que tinha 39 anos na época.

A notícia provocou emoções opostas à alegria de gerar uma vida. “Chorei quando soube, mas não por medo do tratamento, e sim por pensar que eu não queria passar por isso junto com o nascimento

da minha primeira filha. A vontade era de me dedicar 100% à maternidade, e sabia que não seria totalmente possível.”

Porém, estava otimista. Muitos parentes seus que foram diagnosticados com a doença, além de amigas, conhecidas e pacientes, se curaram. “No fundo, sempre soube que daria tudo certo. Não me pergunte o porquê. Mas tinha receio de não conseguir dar o apoio de que minha filha precisava. E quando fui obrigada a parar de amamentar para me tratar, senti muito medo de ela sofrer por isso, se tornando uma criança que vive doente, o que nunca aconteceu.”

O caso de Renata não é isolado. Ela é uma entre muitas mulheres que passaram por tratamento oncológico em meio à gestação. Susto, insegurança, choque, incerteza, confiança, temores... Sentimentos misturados que permeiam a tra-

jetória de quem passou por isso. REDE Câncer ouviu três dessas histórias. Embora os processos sejam distintos e individuais, uma coisa todas as entrevistadas têm em comum: sobreviveram.

APOIO FAMILIAR

A caminhada, no entanto, não foi fácil. Quando Luísa, hoje com 5 anos, tinha apenas um mês de vida, Renata – que herdou da família paterna uma mutação no gene BRCA2, o que lhe conferia chances maiores de desenvolver câncer de mama e de ovário – fez uma quadrantectomia (cirurgia conservadora que retira apenas parte da mama afetada pelo tumor). O tratamento deveria ter começado pela quimioterapia. No entanto, como a dentista estava anêmica e se recuperando da cesariana, as 16 sessões a que teria que se submeter futuramente tiveram que esperar. “Durante esse período, tive a confirmação do teste genético positivo e decidi fazer a mastectomia bilateral preventiva, além da remoção dos ovários. Em seguida, ainda fiz duas cirurgias reparadoras, uma lipoenxertia [técnica que usa a gordura do paciente para preencher, definir ou dar volume a certas partes do corpo] e outra para colocação de prótese mamária”, explica.

Para conciliar o tratamento e a maternidade, ela teve o suporte da família. “Todos me apoiaram muito e se admiraram com a minha resiliência. Só não pude contar com meu marido na época, que disse não aguentar [a situação] e pediu o divórcio. Depois, vim a descobrir que o abandono pelos parceiros é muito comum nesses casos, infelizmente.”

Passado o pior, os primeiros anos após o nascimento de Luísa foram só de “coisas boas”, segundo Renata. “Ela cresceu sendo uma menina esperta e saudável. Vejo que toda a minha força veio dela. Nada como um filho para fazer a gente querer viver mais e melhor. Hoje em dia, meu desafio é cuidar cada vez mais de mim e fazer os exames de controle”, relata a dentista, que está em remissão do câncer e leva uma vida saudável, com boa alimentação, prática de atividade física e terapia.

Segundo ela, a descoberta da enfermidade foi uma vivência transformadora. “Nunca me revoltei com o diagnóstico. Eu sabia que suportaria todo o processo, por mais difícil que fosse. Ninguém sai de uma experiência dessa da mesma maneira que entrou. Nem deveria. Mudei meus valores e fui atrás de uma transformação que me permitisse ter mais qualidade de vida, mais tempo com minha filha e



Paula Amorim

Renata Vilela descobriu que estava com câncer menos de uma semana após o nascimento de Luísa, hoje com 5 anos

para as coisas que gosto de fazer”, afirma.

Hoje, aos 45 anos, procura ser um exemplo de força para as mulheres que recebem o diagnóstico de câncer na gravidez. “Por mais difícil que pareça agora, daqui a pouco será só uma lembrança. Eu me agarrava a essa frase. Tinha certeza de que era uma fase passageira e de que precisava enfrentá-la.”

DO SONHO AO PESADELO

A bancária Ana Beatriz Frecceiro, que tem 39 anos, nasceu e mora em Curitiba (PR), sempre quis ter uma filha. Em 2017, quando já era mãe de dois meninos – Matheus, de 10 anos, e Daniel, de 8 meses –, ela se separou do marido. “Na semana seguinte à separação, comecei a me sentir mal e descobri que estava grávida de novo. Fiz o exame de sexagem fetal e soube que era uma menina. Ainda no começo da gestação dela, o Daniel parou de mamar, porque os hormônios interferiram no sabor do leite. Por conta disso, precisava esvaziar as minhas mamas”, lembra.

Um dia, ao realizar o procedimento durante o banho, ela notou algo estranho na mama direita.

“Senti duas bolinhas bem duras. Eram diferentes de tudo o que já tinha percebido. Na hora, mandei mensagem para o meu obstetra, que me pediu um ultrassom. [Esse tipo de situação] sempre foi um sinal de alerta na minha família. Minha avó materna foi diagnosticada com câncer aos 35 anos e faleceu com 40. As tias da minha mãe e algumas primas também tiveram”, conta.

O exame foi feito em seguida. “O médico pediu que eu voltasse ao obstetra no mesmo dia, apesar de ter uma consulta marcada naquela semana. Fui lendo os laudos no caminho e cheguei tremendo ao consultório. Pedi que me falasse o que estava acontecendo e que não me escondesse nada. Perguntei: ‘Vou morrer?’ Ele pegou um papel e começou a desenhar. Mostrou como eram os nódulos benigno e maligno. Disse que o meu caso se parecia com o do segundo tipo e que precisaria fazer uma biópsia.”

A ESCOLHA DE ANA BEATRIZ

Sem perder tempo, Ana Beatriz marcou consulta com um mastologista. “Antes mesmo da biópsia, ele pegou meu exame e falou: ‘Bom, você está grávida e com câncer. Se já estivesse mais no final da gestação, poderíamos tirar o bebê em uma cesárea de emergência e começar o tratamento. Mas está no segundo mês. Não tem como levar adiante, vamos fazer um aborto.’ Era algo legalmente previsto, porque no Brasil é possível encerrar a gravidez quando ela apresenta risco de saúde para a mãe.”

Segundo a bancária, o médico lhe informou que ela passaria por mudanças hormonais, como é natural no primeiro trimestre da gravidez. Isso alimentaria o câncer, que se espalharia por meio de metástase.

“Ela [a filha] cresceu sendo uma menina esperta e saudável. Vejo que toda a minha força veio dela. Nada como um filho para fazer a gente querer viver mais e melhor”

RENATA MENDES VILELA, cirurgiã-dentista

“Lembro-me de ter voltado ao meu obstetra e contado que o mastologista tinha me sugerido abortar. E ele falou: ‘Bia, é uma escolha só sua’. Conversei com meu marido e minha mãe e disse: ‘Se, para me curar, tivesse que matar o Matheus ou o Daniel, não mataria. Também não vou matar a Louise. Vamos morrer juntas ou sobreviver juntas”, conta.

O exame confirmou o tumor, mas o resultado foi apresentado a outro mastologista. “O médico falou: ‘Faremos a mastectomia no mês que vem porque não podemos realizá-la no primeiro trimestre da gestação. No momento, não há nada que possamos fazer, só acompanhar. Depois, vamos tirar a mama para saber com o que estamos lidando, se é um pitbull ou um poodle. Daí poderemos definir melhor seu tratamento””, recorda.

PARA SEMPRE

Antes de saber a resposta, Ana decidiu sacar seu FGTS, algo permitido por conta do diagnóstico, e passar uns dias em Fernando de Noronha (PE). “Fui para um lugar que queria muito conhecer porque não sabia se ia sobreviver. Fiquei organizando o aniversário de um ano do Daniel, que seria em se-



A bancária Ana Beatriz Freceiro fez mastectomia total da mama direita durante a gestação da filha Louise

tembro, e me preparando para a cirurgia. Voltei de viagem na sexta e na terça operei. Fiz a mastectomia total da mama direita durante a gestação”, relata.

Foi então que soube: o tumor era um pitbull filhote. “Descobri no começo, antes que ele se espalhasse pelos linfonodos, o que pode ocorrer com o câncer de mama. Ainda grávida, fiz quatro sessões de quimioterapia. Não senti muitos efeitos colaterais, mas tive queda de cabelo. Comecei o tratamento no quinto mês de gravidez”, lembra.

Os ciclos de químio foram realizados a cada 21 dias e terminaram em 21 de novembro. O parto de Louise estava previsto para 21 de janeiro. “Os médicos deram dois meses para eu me recuperar. Ela nasceu de 41 semanas, em 24 de janeiro de 2018. Tentamos induzir o parto porque havia perda de líquido amniótico e voltas do cordão umbilical. Minha bolsa rompeu de madrugada, e Louise nasceu com 3,7 quilos, bem e saudável. Amamentei com uma mama só. A enfermeira fez até uma foto desse momento.”

Mas a emoção maior foi pegar a filha no colo pela primeira vez. “Foi um grande alívio sentir a Louise e vê-la respirar. Pude amamentá-la por 25 dias e logo tive que voltar ao tratamento. Acabada a quimioterapia, fiz o exame de mapeamento genético e descobri que tenho mutações que aumentam a possibilidade de novos tumores. Então, nunca terei alta e, por isso, vou ao médico a cada seis meses. Faço um controle rígido – e será assim para sempre.”

Para Ana Beatriz, a doença foi um divisor de águas. “Aprendi a viver e a realmente dar valor às coisas que importam. Minha vida é antes e depois do câncer. Sempre brinco dizendo que estou fazendo hora extra. Então, não perco meu tempo com brigas, frivolidades e besteiras. Acho que agora é ‘bola para frente, aceita que dói menos’. Sigo fazendo terapia porque, como passei por muita coisa pesada e difícil, acabei ficando um pouco insensível, tanto com os meus problemas quanto com os alheios. Hoje vejo que só não tem jeito para a morte. O resto a gente resolve”, opina.

Louise está com 7 anos e, nas palavras da mãe, é uma menina incrível. “Ela é saudável, inteligentíssima, forte para caramba. Digo às mulheres que estão enfrentando o câncer na gravidez: mantenham-se ativas, positivas e não se entreguem ao diagnóstico. O primeiro lugar em que vencemos a doença é na nossa cabeça. Não é uma batalha fácil, mas temos que acreditar que vai dar tudo certo e fazer o que tem que ser feito. O caminho não é simples, mas lá no final valerá a pena”, afirma.

“Foi um grande alívio sentir a Louise e vê-la respirar. Pude amamentá-la por 25 dias e logo tive que voltar ao tratamento. (...) Nunca terei alta e, por isso, vou ao médico a cada seis meses. Faço um controle rígido – e será assim para sempre”

ANA BEATRIZ FRECCIEIRO, bancária

UM DIA DE CADA VEZ

Situação parecida com a de Ana Beatriz foi a vida pela arquivista médica Izabela de Alcântara Nakatani, também natural de Curitiba. Em outubro de 2018, ela tinha 33 anos e estava à espera da segunda filha, Liana, hoje com 6, quando, durante o banho, percebeu um caroço ao apalpar a mama direita. “Acredito que tenha crescido durante a gravidez. Comecei a sentir com mais evidência à medida que o tempo foi passando”, lembra.

Depois de fazer um ultrassom, ela, que já era mãe de Remi, na época com 2 anos, foi diagnosticada com câncer e experimentou um mix de sentimentos. “Foi uma mistura de medo, aceitação e confiança. Mas sabia que deveria seguir o plano elaborado pela equipe médica para que tudo desse certo.”

Izabela conta que escolheu dar um passo após o outro, mantendo a firmeza e confiando no trabalho dos profissionais que a atendiam. “Rezei muito para não ter efeitos colaterais e para Deus me dar discernimento e força para continuar com a minha rotina, tanto pelo meu filho, que precisava de mim, quanto pela bebê que eu carregava. Estava confiante de que aquilo ia passar”, diz a arquivista, que fez o tratamento inteiro em Montreal, no Canadá, onde vive há 18 anos.

Embora esperançosa, ficou emocionalmente abalada, em especial por estar grávida. “Eu acho que essa doença sempre traz o medo da morte; não queremos deixar nossos filhos sem mãe. Apesar disso, estava concentrada em fazer o que tinha que ser feito. Vivi um dia de cada vez e com paz no coração.

Tinha receio de que as pessoas ficassem com pena de mim. Sempre recusei o papel de vítima.”

Por causa da agressividade da doença – Izabela foi diagnosticada com carcinoma ductal infiltrante, câncer que rompe a parede do ducto de leite e chega até o tecido adiposo da mama –, ela teve que dar início ao tratamento quimioterápico em dezembro de 2018, mês anterior à chegada de Liana. “Fiz duas sessões antes do parto, que foi induzido e ocorreu entre a segunda e a terceira sessões. Minha bebê nasceu no dia 21 de janeiro de 2019. Também passei por uma cirurgia para remoção do tumor, fiz 16 semanas de quimioterapia, esvaziamento axilar e 29 sessões de radioterapia. Além disso, retirei os ovários para garantir a menopausa permanente”, conta ela, que não sofreu muito com efeitos colaterais. “O maior desafio foi o cansaço extremo. Não senti enjoos, vômitos ou falta de apetite, o que foi uma grande bênção. Tive uns problemas de neuropatia nas mãos, mas não afetaram tanto os cuidados com a neném.”

POR QUEM LUTAR

O sofrimento veio mesmo ao não poder amamentar a caçula. “Era triste, porque morria de cansaço. Às vezes, o meu marido estava dando mamadeira de madrugada e eu nem escutava, não acordava, de tão pesado que dormia por conta do tratamento. Naquele momento, senti raiva do câncer, porque ele tirou isso de mim. Demorou muito tempo para eu poder falar sobre o assunto de um jeito mais tranquilo, pois aquilo me afetava muito emocionalmente. Fiquei meio destruída”, recorda.

Apesar da frustração por não conseguir exercer a maternidade como desejava, Izabela nunca se revoltou. “Não ficava remoendo ou perguntando por que eu. Sempre pensei: ‘Por que não eu?’ Pode acontecer com qualquer um. Hoje em dia, tantas pessoas jovens recebem diagnóstico de câncer. Sempre fui ‘bola para frente’. Mas a questão do aleitamento me pegou de jeito e demorou para eu conseguir passar por cima. Paralelamente, sempre senti gratidão por minha filha ter nascido com saúde e sorte pela experiência maravilhosa de amamentação que tive na primeira gravidez”, diz.

Para a arquivista, controlar o medo de que a doença volte é um dos maiores desafios. “A minha vida é uma montanha-russa. Em época de exames, me sinto um pouco ansiosa e tensa até sair o resultado. Depois, brinco, dizendo: ‘Agora posso respirar por mais seis meses’. E assim vou vivendo, entre muito agradeci-

“Rezei muito para não ter efeitos colaterais e para Deus me dar discernimento e força para continuar com a minha rotina, tanto pelo meu filho, que precisava de mim, quanto pela bebê que eu carregava”

IZABELA DE ALCÂNTARA NAKATANI,
arquivista médica

Thaissa Duarte



Mãe de Liana (à esquerda) e Remi, a arquivista médica Izabela Nakatani sofreu por não conseguir amamentar a caçula

mento e um certo receio de ter de viver aquele peso de novo.”

Aos 39 anos, ela procura viver um dia após o outro. “Não adianta se perguntar o porquê, mas apenas entregar nas mãos de Deus, que Ele vai cuidar de tudo. Para as mulheres que estão grávidas e descobriram o câncer, diria para manterem a fé de que tudo vai passar e aproveitarem a gravidez, porque aquele serzinho dentro delas precisa de uma mãe lutando pelos dois.” ■